

A manifestação do etarismo na rotina de trabalho de jornalistas mulheres em Porto Alegre¹

Sofia Mello Lungui²

Cristiane Finger³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Resumo

O etarismo é um tema que se mostra cada vez mais relevante no contexto atual. O presente estudo investiga os efeitos do preconceito etário na carreira de jornalistas mulheres. Para isso, utiliza como metodologia a Análise Discursiva dos Imaginários (ADI), dentro da perspectiva de Silva (2019). A pesquisa tem como objetos depoimentos de profissionais de Porto Alegre e busca entender como elas enfrentam o etarismo no mercado de trabalho. O arcabouço teórico do trabalho é norteador principalmente por Debert (2004), Ayalon & Tesch-Romer (2018), Cepellos (2023) e Figaro (2023). A pesquisa mostra que jornalistas de diferentes faixas etárias sofrem ou sofreram com o etarismo no mercado de trabalho, com desdobramentos particulares para as jornalistas de TV, e que elas têm dificuldade de identificar e lidar com esse preconceito.

Palavra-chave: etarismo; jornalismo audiovisual; gênero; envelhecimento; comunicação.

Desvendando o preconceito etário

O etarismo é um tema que se mostra cada vez mais relevante. Diversas pesquisas evidenciam os impactos dessa discriminação. Na concepção de Ayalon & Tesch-Romer (2018), essa estrutura de preconceito pode se manifestar por meio de três esferas — afetiva (preconceito), comportamental (atitudes discriminatórias) e cognitiva (estereótipos, imagens e rótulos). E pode afetar os indivíduos a partir de três níveis: microestrutural, que surge do próprio sujeito; o mesoestrutural, que pode emergir de grupos e comunidades; e o macroestrutural, que nasce a partir de valores culturais ou sociais.

Em sua obra, Ferrés (1998) discute o impacto dos estereótipos reproduzidos em programas de televisão. Na sua concepção, os estereótipos são representações sociais

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Audiovisual, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista formada pelo curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. E-mail: sofia.lungui@edu.pucrs.br.

³ Doutora em Comunicação. Professora titular do curso de Jornalismo da Famecos/PUCRS, nas disciplinas de Telejornalismo. Membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. E-mail: cristiane.finger@pucrs.br.

reducionistas, que buscam reduzir a realidade, que é algo complexo, em algo simples, manifestando ideologias e sentimentos reprimidos. “O estereótipo pretende, antes de mais nada, facilitar uma interpretação cômoda e reconfortante de uma realidade que, geralmente, apresenta-se ameaçadora” (Ferrés, 1998, p. 137).

Concebido pelos pesquisadores norte-americanos Catherine Itzin e Christopher Phillipson (1993), o termo *gendered ageism* (etarismo baseado em gênero, em tradução literal) refere-se a uma interação de duas estruturas de preconceito que, juntas, produzem maior vulnerabilidade. Ayalon & Tesch-Romer (2018) defendem que, embora a maior parte dos estudos tenha foco nas mulheres idosas, o ageísmo baseado em gênero deve ser entendido sob uma perspectiva transversal, abordando diferentes faixas etárias.

O presente trabalho tem o intuito de explorar os efeitos do etarismo na carreira de jornalistas mulheres, analisando os impactos para profissionais que atuam na televisão e em outros formatos. Para essa investigação, adotamos como metodologia a Análise Discursiva dos Imaginários (ADI), dentro da perspectiva de Silva (2019).

A pesquisa analisa entrevistas individuais semiestruturadas anônimas com seis profissionais e busca compreender como elas enfrentam o etarismo nas rotinas de produção e na permanência no mercado de trabalho. O *corpus* engloba seis jornalistas mulheres de Porto Alegre entre 30 e 81 anos que atuam ou atuaram em veículos de comunicação, incluindo profissionais com experiências em emissoras de televisão, em radiojornalismo, jornais e veículos digitais.

A investigação revela que jornalistas de diferentes faixas etárias sofrem ou sofreram com o etarismo no mercado de trabalho, e que elas têm dificuldade de identificar e lidar com esse preconceito, das mais jovens às mulheres maduras e idosas. Para as jornalistas que atuam na televisão, a situação é ainda mais preocupante, com as cobranças estéticas em relação às rugas e fios brancos, partindo não somente das empresas de comunicação, mas também da audiência.

Diariamente, ao desempenharem o exercício profissional, as apresentadoras de telejornais têm suas imagens veiculadas nas emissoras de televisão em que atuam, submetidas ao juízo de milhares de pessoas – seja sobre sua aparência, sobre seu comportamento ou postura profissional. Diversas pesquisas já demonstraram os efeitos da pressão estética e das imposições sociais exercidas sobre as mulheres, e com as jornalistas que atuam na televisão não é diferente.

O trabalho traz contribuições relevantes em relação ao etarismo contra jovens, rompendo com a ideia de que o preconceito etário atinge somente pessoas velhas. Os depoimentos analisados trazem à tona a vulnerabilidade de mulheres mais jovens para enfrentar esse tipo de preconceito. Pode-se dizer que, conforme os relatos, as jornalistas jovens acabam sendo mais suscetíveis a esse tipo de preconceito – seja na relação com as fontes, seja na convivência com os colegas.

Além disso, mesmo jovens, as jornalistas se sentem velhas na profissão, mesmo tendo bem menos de 60 anos. Para elas, a idade é um fator determinante para se manter relevante no mercado de trabalho, revelando desafios na permanência. O estudo aponta que o preconceito etário é predominante nos veículos de comunicação, e as mulheres sentem diretamente os impactos disso, sobretudo as jornalistas que atuam em emissoras de TV.

Com essas dificuldades, a qualidade do jornalismo feito pelos veículos de comunicação pode ficar comprometida. Afinal, o jornalismo depende de diferentes pontos de vista para que seja diverso e plural, como deve ser. Como o jornalismo pode combater essa discriminação, se ela é tão marcante nas redações e nas próprias relações entre profissionais da área? A pesquisa acende um alerta para esse questionamento.

Referências

AYALON, Liat; TESCH-ROMER, Clemens. *Contemporary perspectives on ageism*. Springer Open, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-73820-8_1>.

BARRETT, A.; NAIMAN-SESSIONS, M. In: AYALON, Liat; TESCH-ROMER, Clemens. *Contemporary perspectives on ageism*. Springer Open, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-73820-8_1>.

FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: Socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes*. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2019.